



A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil

DEMIER, F.; HOVELER, R. (orgs.). *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

José Manoel Montanha da Silveira Soares*

Nos tempos atuais, tem sido difícil caminhar em meio à multidão e não sentir o peso de uma sombra que ausculta os pensamentos livres. Desde 2013, quando alguns movimentos se colocaram nas ruas, inicialmente pedindo Tarifa Zero e um congresso menos ignóbil, muita coisa aconteceu. Estes mesmos movimentos que correram o Brasil em pouco tempo esfumaram-se e foram engolidos pelos movimentos da “nova direita” brasileira, que não perderemos tempo em matizar.

Desde então, temos assistido uma série de ações combinadas e orquestradas pela classe média branca elitista brasileira. Retratar este cenário não é uma tarefa fácil, até porque a asfixia que sofrem repórteres independentes, o próprio jornalismo de esquerda e a mídia alternativa são dignos de estupefação. Mais do que nunca ser *canhoto* num país cristão fundamentalista que vive mergulhado na idade média inquisidora é perigoso! Obviamente neste cenário de franco e real ataque aos direitos humanos e a qualquer humano que ouse defender a homossexualidade ou a liberdade de ideias libertárias é digno de um olho roxo, socos e pontapés.

O livro em questão: *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil* é uma tomografia da mente conservadora e per-

* Bolsista Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do CNPq pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em fase de conclusão do estágio. Coordenador Geral de políticas para Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. *Correspondência*: Rua 24 Norte – Lote 03 – Apt. 1304^a – Águas Claras- DF- Brasília. CEP: 71916-750. *Email*:< zemontanha@outlook.com>

versa de nossa elite, uma endoscopia dos padrões “alimentares” da intelectualidade abjeta de nossa direita. Sim, o livro faz um esforço monumental ao captar com tamanha velocidade e intensidade questões sociais que aconteceram anteontem. O que os organizadores e os sujeitos deste texto fizeram foi dar quilate a acontecimentos históricos atuais.

A profundidade deste trabalho mostra em suas linhas o tamanho e o compromisso dos que se colocaram de pé e com a espinha firme diante das barbáries que estamos assistindo em nossas “salas de jantar”.

Não é fácil penetrar nas entranhas desta gigante onda conservadora que inunda nossa sociedade – mesmo que a sociedade brasileira jamais tenha sido um berço dos direitos humanos – pois o que temos assistido são conspirações de jornalões, revistas semanais e emissoras locupletadas por conchavos e acertos de toda a ordem com bancos, empresários, industriais, latifundiários e corruptos. A onda conservadora é um prenúncio dos massacres aos direitos sociais e humanos que estão em franca destruição no Brasil.

O livro apresenta inicialmente o movimento de julho de 2013 e seus desdobramentos, que ainda em nada “respingava” diretamente na presidente Dilma Rousseff, pois o foco era legítimo: atacava o Congresso Nacional e sua corrupção hereditária. O embrião foram os movimentos nas capitais, como foi o caso de São Paulo, onde os manifestantes intencionavam barrar o aumento da passagem de ônibus. O movimento cresce e abarca a ganância com os grandes eventos esportivos internacionais, a péssima qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral.

Apenas para fazer lembrar, o grito entoado nas ruas de São Paulo incorporava, na verdade, um esgotamento da população, pois muito se ouvia que não eram apenas os “20 centavos” do aumento da tarifa de ônibus, mas o cansaço histórico dos excluídos de sempre em nosso país que se juntou às manifestações que levaram milhões às ruas das capitais do Brasil. Não menos emblemático foi a tomada da rampa e das cúpulas do Congresso Nacional pelos jovens na noite de 17 de julho de 2013.

Após o julho de 2013, o que se assistiu foi como uma refilmagem da história recente, do passado sombrio e grotesco do país. Felipe Demier, um dos organizadores do trabalho, apresenta uma paráfrase emblemática de Schwars quando anuncia: “nesta metade da década de 2010, o Brasil está irreconhecivelmente estúpido”.

Para se ter uma ideia concreta ao que estamos nos referindo, o texto lembra que nos dias atuais parece

não haver uma semana sequer em que não assistimos estupefatos a algum vultuoso corte de verbas nas áreas sociais; a alguma barbaridade cometida pelas degeneradas polícias militares; a alguma esdrúxula proposta antimínorias apresentada na Câmara dos Deputados; a alguma incitação ao ódio por parte de histriônicos líderes político-religiosos; a algum crime motivado por machismo, racismo, homofobia, transfobia e mesmo xeno-

fobia contra haitianos; a algum linchamento de assaltante realizado por turbas animadas pelo vespertinos programas policiais (...) (DEMIER, 2016, p.11).

Obviamente os acontecimentos se unem há algo que Demier (2016) define como “cheiro do povo” que gerou o “ódio ao povo”, ódio esse tradicional enquanto um ódio histórico de classe, ódio aos miseráveis que ascenderam à pobreza e ódio aos pobres que ascenderam a uma condição mínima de dignidade humana, definições semânticas que se perdem em uma desumanidade impossível de ser falada em qualquer língua.

Ainda segundo o historiador, esse ódio foi e é cultivado pelos estratos superiores brasileiros e, neste sentido, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva ou a própria figura de Dilma Rousseff são fontes que fazem verter toda essa cólera.

Após estes acontecimentos, o que se pôde presenciar foi um avanço conservador poucas vezes visto na história da sociedade brasileira, não que esta em algum momento tenha deixado de ser reacionária, anacrônica, xenofóbica e *senzalista*, pois sabe-se de longa data que o que houve no centro do lulismo se limitou a avanços acanhados de políticas sociais, em grande medida focalizadas e incipientes. A preocupação com o acesso ao consumo daqueles que nunca tiveram acesso a nada, herança da Era FHC e anteriores, teve um revés emblemático, pois consumo não garante humanidade, não garante valores éticos, não garante formação cidadã. Esse é talvez o maior revés da Era Lula: o mesmo povo que o amou agora o odeia porque não pode mais consumir.

A partir dos atos organizados pela direita, em março de 2015, o cenário político sofre mudanças drásticas, afetando diretamente a correlação de forças com o movimento das ruas. O modelo petista de governar naufraga nos limites impostos pelo capitalismo periférico sulamericano, que teve êxito por exatos dez anos, e pela própria corrupção intrapartidária do PT.

A disputa pelo bolo do fundo público é o que tece esta opereta entre a pseudo-esquerda petista e a declaradamente direita profacista brasileira. Com o andar da carruagem, as coisas vão tomando um tom cada vez mais crítico: a direita se sente representada nas ruas pelos *turistas vitálícios de Miami* ou ainda os não menos histriônicos que enaltecem o *american way of life* (Reinaldo Azevedo, Mainardi, Constantino, Lobão, Roger e companhia...), e passam a se organizar por meio das redes sociais. Nada mais previsível e asséptico vindo de uma fração da sociedade que sempre se pôs de joelho diante do consumo e de seus próprios privilégios.

Esta denominada “nova direita” cujas palavras de ordem são o combate ao “comunismo”, ao “bolivarianismo” e claro, à corrupção, representa o que há de mais conservador em pleno século XXI. Como pano de fundo, esta é a insígnia adotada como mote para golpear governos eleitos democraticamente. Antevendo de forma “profética” os acontecimentos, a

maioria dos *movimentos* já anunciavam o *impeachment* como certo, prevendo até mesmo um golpe militar se assim fosse necessário.

É neste sentido que estes vinte corajosos ensaios representam a lucidez de compreender os acontecimentos atuais à luz de uma série de eventos perfeitamente encadeados, orquestrados e maquinados por uma elite que até tolerou o lulismo, tendo em vista que este foi um bom pai para o capital financeirizado, cumpriu à risca os ajustes fiscais, privatizou e nunca deixou na “mão” o cumprimento do *superavit* primário.

Diante da realidade política multifacetada e os sucessivos escândalos nos noticiários jornalísticos, o terreno para a ofensiva da direita contra a presidente Dilma Rousseff estava preparado, mas não só objetivamente ao mandato de Dilma (com intuito de derrubá-la). O que temos assistido é uma série de ataques às conquistas sociais que merecem atenção para muito além de uma análise política-econômica aligeirada. Temos que compreender que a ofensiva da direita capilarizou-se e materializou-se a partir de diversos eventos e ações do Estado, como: o massacre dos professores no Paraná pelo prefeito Beto Richa do PSDB; a aprovação das Medidas Provisórias 664 e 665 contra os direitos previdenciários do trabalhadores, como o seguro-desemprego e a pensão por morte; o Projeto de Lei 4.330 que rebaixa o custo da força de trabalho brasileira atacando diretamente os direitos trabalhistas; a PEC 171 que reduz a maioria penal de 18 para 16 anos que, inicialmente, foi derrotada, mas que por manobra regimental de Eduardo Cunha, foi votada novamente e aprovada com algumas alterações; o aparecimento de camisetas estampadas com o *slogan* “Mais Mises, menos Marx”, uma alusão ao economista fascista austríaco Ludwig Von Mises, um dos pais do neoliberalismo; o crescimento espetacular dos setores privados na educação, um exemplo é a fusão da Kroton e Anhanguera, que produziu a maior instituição de ensino privado do mundo; o desmonte histórico do SUS; à violência contra a mulher, negros e homossexuais; o golpismo declarado tanto da parte do judiciário brasileiro como o da grande imprensa, como é o caso da revista *Veja*; o renascimento das *cinzas* da Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

A virtude do livro está justamente naquilo que acreditamos ser a sua intransigência política, uma virtude em vias de extinção nos tempos atuais. Os capítulos são na verdade uma constatação crua da realidade, dolorosa, mas necessária como ferramenta de denúncia das atrocidades que se anunciam. Afirmamos, com isso, que os ensaios mergulham fundo nas conjunturas, no governismo e na oposição da direita, demonstrando o enraizamento do pensamento e das práticas reacionárias nos poderes de Estado e na sociedade brasileira em dimensões multifacetadas. Como afirma a professora Elaine Behring na quarta capa: “trata-se de uma crítica radical, no seu sentido mais profundo: ir à raiz das questões postas, na perspectiva de fornecer argumentos para a luta social que pretende recompor um projeto de esquerda no Brasil”.

Ao leitor que procura sair da *zona de conforto* da análise da realidade e quer arriscar um salto aprofundado na conjuntura política atual, vai encontrar neste livro excelentes elementos dos acontecimentos contemporâneos. O livro busca uma análise comprometida de problemas e dimensões da realidade brasileira, que ao nosso ver, estavam apenas em hibernação. O trabalho em questão inaugura de forma consistente uma crítica ao modelo político-social de desenvolvimento, defende e se posiciona claramente a favor dos interesses da massa dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros historicamente vilipendiados pelo capital.

DOI 10.12957/rep.2017.30390



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.